

**CENTENÁRIO DE FRANCISCO DE ANDRADE
CARNEIRO**

(02 de janeiro de 1902 - 02 de janeiro de 2002)

Saudades, lembranças e recordações

SUMÁRIO

1 – Francisco de Andrade Carneiro – A Vida de um Médico Sertanejo

(Joaquim Osterne Carneiro)

2 – Depoimentos de parentes e amigos

2.1 – Joaquim Osterne Carneiro (filho)

2.2 - Tarcísio Osterne Carneiro (filho)

2.3 – Daniel Osterne Carneiro (filho)

2.4 – Maria Júlia Osterne Carneiro Ferrer (filha)

2.5 – Aline Osterne Carneiro (filha)

2.6 – Maria Aparecida Soares Carneiro (nora)

2.7 – Maria Pastora Carneiro Feitosa (sobrinha)

2.7 – Maurício Montenegro Rocha (amigo e admirador)

2.8 – Solidônio Lacerda (colega e amigo)

FRANCISCO DE ANDRADE CARNEIRO – A VIDA DE UM MÉDICO SERTANEJO (Dados Biográficos)

Joaquim Osterne

Carneiro

Falar das pessoas que nos são caras, dos parentes, daqueles a quem estamos ligados pela consangüinidade, é até certo ponto penoso e porque não dizer difícil, pois normalmente, temos a tendência de valorizar suas qualidades em detrimento das falhas e dos óbices comuns a todos nós seres humanos.

Mas, mesmo levando em consideração esses condicionamentos, ousamos recordar com saudades, a figura de Francisco de Andrade Carneiro, que em vida foi acima de tudo um homem bom, destituído de vaidade e que ao longo de sua existência sempre procurou fazer o bem sem buscar qualquer recompensa.

Descendente da família Carneiro tanto pelo lado paterno como pelo materno, Francisco de Andrade Carneiro nasceu em Riacho dos Cavalos, então Distrito de Catolé do Rocha-PB, em 02 de janeiro de 1902.

É conveniente lembrar que, a família Carneiro provém de velhos troncos portugueses que aportaram no nosso país no século XVIII, e, sua formação no Estado da Paraíba

teve como cenários principais o Sítio Caatinga dos Andrade, que faz parte do atual município de Riacho dos Cavalos, antigo Distrito de Catolé do Rocha e o Sítio Micaela, que integra o atual município de Lagoa, ex-Distrito de Pombal.

Os avôs paternos de Francisco de Andrade Carneiro foram José Vieira Carneiro, conhecido como Zé Mago, abastado agricultor do município de Catolé do Rocha e Maria Alexandrina Vieira, que eram primos legítimos.

Seus avôs maternos foram Daniel de Andrade Maciel, próspero agropecuarista residente no Sítio Caatinga dos Andrade, no então Distrito de Riacho dos Cavalos, município de Catolé do Rocha-PB e Pastora de Andrade, que também eram primos legítimos..

Seus pais foram Joaquim Vieira Carneiro, conhecido como Moço Quincas e Maria Pastora de Andrade, que igualmente eram primos legítimos. Vale destacar que a união entre parentes na família Carneiro é fato corriqueiro, existindo diversos casamentos entre primos e mesmo entre tios e sobrinhas.

Do casamento de Joaquim Vieira Carneiro-Moço Quincas e Maria Pastora Andrade nasceram os seguintes filhos: Antonio de Andrade Carneiro, Francisco de Andrade Carneiro, Daniel Carneiro Sobrinho, Francisca de Andrade Carneiro, Lívio de Andrade Carneiro e José de Andrade Carneiro.

Joaquim Vieira Carneiro-Moço Quincas, nasceu em Riacho dos Cavalos, em 1874 e seguindo as pegadas de seu genitor José Vieira Carneiro-Zé Mago, trabalhou inicialmente na agricultura, exercendo em seguida as funções de mestre-escola

Por volta de 1908, transferiu-se para Cajazeiras-PB, atendendo a um convite de seu irmão, Coronel Juvêncio Vieira Carneiro que ali já residia e que além de comerciante acreditado nas praças do Recife e de Fortaleza, era político, aliado da família Rolim, tendo sido Presidente do Conselho Municipal por vários anos, e ao falecer em 1944, exercia o cargo de Prefeito Municipal.

Na referida cidade, na qualidade de sócio do Coronel Juvêncio Vieira Carneiro, Joaquim Vieira Carneiro-Moço Quincas, dedicou-se ao comércio e ali viveu até o seu falecimento ocorrido em 1956.

Em Cajazeiras, Francisco de Andrade Carneiro e seus irmãos foram alunos do professor Crispim Crispiniano Coelho, tendo também freqüentado o Colégio Diocesano Padre Rolim.

Posteriormente, Francisco de Andrade Carneiro em companhia de seus irmãos Antonio de Andrade Carneiro e Daniel Carneiro Sobrinho foi estudar em Fortaleza-CE, no tradicional Colégio São Luiz, de propriedade do Dr. Francisco Meneses Pimentel, professor da Faculdade de Direito e que foi um dos políticos mais atuantes do Estado do Ceará, tendo exercido os cargos de Governador, Interventor Federal e Senador da República, tendo sido igualmente Ministro da Justiça, no Governo do Presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira.

Naquela época residiam em Fortaleza, dois de seus tios paternos, Enéas Vieira Carneiro, conceituado funcionário do Ministério da Fazenda e Daniel Vieira Carneiro,

então Procurador da Fazenda Nacional no Estado do Ceará e também padrinho de Francisco de Andrade Carneiro. Formado em Direito, em 1910, na tradicional Faculdade de Direito do Recife, Daniel Vieira Carneiro foi o primeiro membro da família Carneiro a concluir o curso superior. A seu respeito, NOBREGA (1964) afirmou: **“Dr. Daniel Carneiro nasceu em Catolé do Rocha a 16 de março de 1879, oriundo das núpcias de José Vieira Carneiro e Maria Alexandrina Carneiro. Tabelião Público na terra natal, Advogado no fôro do Rio Grande do Norte, Promotor no antigo Território do Acre, Juiz do Alto Purus, Procurador da Fazenda do Amazonas, Secretário da Prefeitura do Alto Acre, Juiz de Direito no Acre, Procurador da Fazenda Nacional no Ceará, Deputado Federal pelo Ceará e depois pela Paraíba, terminou os dias aposentado no cargo de Tabelião Público no Distrito Federal, após haver recusado a nomeação para Procurador da República na Paraíba. Era um espírito culto e inteligente, tendo divulgado o livro Ação e Reação, discursos na Câmara dos Deputados. Faleceu a 2 de novembro de 1955.”**

Daniel Vieira Carneiro exerceu salutar influência no encaminhamento dos parentes, sobretudo de grande parte dos sobrinhos - Antonio de Andrade Carneiro, Francisco de Andrade Carneiro e Daniel Carneiro Sobrinho, filhos de Joaquim Vieira Carneiro-Moço Quincas; Manuel Wandick Vieira Carneiro e Alcides Vieira Carneiro, filhos de Vicente Vieira Carneiro; Juvêncio Carneiro Sobrinho e Aurélio Vieira Carneiro filhos de Delmiro Vieira Carneiro; Ruy Carneiro e José Janduhy Carneiro, filhos de João Vieira Carneiro e muitos outros – , constituindo-se num exemplo para toda a família.

Após concluir os preparatórios em Fortaleza, Francisco de Andrade Carneiro deslocou-se para o Rio de Janeiro e em 1920 ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, tendo concluído o curso em 1926.

Durante o período que estudou no Rio de Janeiro, foi interno no Hospital da Polícia Militar, ao lado de vários outros colegas.

Vale ressaltar que, diversos paraibanos foram seus colegas de turma, destacando-se dentre eles o seu primo José Janduhy Carneiro, aluno laureado da turma, Américo Sérgio Maia, Flavio Maroja Filho, Celso Matos e João Rolim de Souza Peba (Juca Peba).

Em 1927 regressou à Paraíba, indo trabalhar em Cajazeiras. Em 1928 passou a residir em Pombal, retornando em 1929 a Cajazeiras quando contraiu núpcias com a Professora Aline Cartaxo Rolim, integrante da 1ª turma de professoras formadas pela Escola Normal de Cajazeiras (1922), nascida em 31/04/1904, filha do Coronel Sabino Gonçalves Rolim, chefe político naquele município e de Leopoldina Cartaxo Rolim.

Deste casamento nasceram Maria das Neves Rolim Carneiro, Maria Pastora Rolim Carneiro e Maria Leopoldina Rolim Carneiro. Em 1931, foi nomeado médico da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas-IFOCS, atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas-DNOCS, indo prestar serviços na Rodovia Ramal do Cariri, passando a residir em São João do Cariri-PB.

Em 1933, quando residia em São João do Cariri, uma tragédia marcou a sua vida, pois a esposa Aline e a filha caçula Maria Leopoldina vieram a falecer acometidas de febre tifóide.

Em virtude desse fato doloroso, em 1934, Francisco de Andrade Carneiro retornou ao município de Cajazeiras, passando a chefiar o Serviço Médico do Açude Boqueirão de Piranhas (atual Engenheiro Avidos), então em plena construção.

Viúvo e ainda jovem, com pouco tempo iniciou um namoro com a jovem Dilnor Osterne, nascida em Limoeiro do Norte, Estado do Ceará, em 31 de janeiro de 1917, filha do Advogado Provisionado José Osterne Ferreira Maia e de Maria Júlia Osterne Ferreira Maia, ambos, na época, já falecidos. Dilnor Osterne encontrava-se passando alguns dias na casa de sua irmã Maria Osterne, casada com Francisco Rebouças de Oliveira, Tesoureiro da IFOCS, quando conheceu aquele que seria o seu eleito.

Assim, quando desejou casar com Dilnor Osterne, Francisco de Andrade Carneiro encaminhou ao seu irmão mais velho, Antonio Solon Osterne, a seguinte carta: **“Engº. Avidos, 8-5-936. Ilmo. Amigo Antonio Osterne. Antes do mais, envio-lhe os meus votos de felicidades extensivos a toda família. Esta tem por objetivo cientificar-lhe que desejo contratar casamento com a sua diletta irmã, senhorita Dilnor Osterne, para o que peço o seu consentimento. Julgo desnecessário dizer-lhe quem sou e que só tenho, para oferecer a sua irmã um nome pobre e honrado. É escusado dizer, que o amigo tem ampla liberdade para sindicar, do meu modo de viver, no passado e no presente. Sinto-me no dever de, antes de terminar, acrescentar que serei feliz desposando a sua irmã, a quem dedico uma amizade de mais de ano. Com recomendações aos seus, aqui fico aguardando resposta e ao seu inteiro dispor. Amigo atencioso Francisco Carneiro”**

Como resposta, recebeu a seguinte missiva: **“Limoeiro, 17 de maio de 1936. Ilmo Amigo Dr Francisco Carneiro . Abraços. Aproz-me responder sua carta de 8 deste. Do conteúdo fiz ciente aos demais membros da minha família e foram todos em acordar sobre o seu desejo de consorciar-se com a minha irmã Dilnor Osterne. Desnecessário será fazer as sindicâncias sobre sua pessoa conforme dá liberdade em sua carta; o tempo que convive com o meu cunhado e amigo Rebouças é o bastante para que se possa ajuizar quanto ao seu modo de viver e proceder. Riqueza não temos e apenas herdamos os nomes honrados de nossos saudosos pais, que temos fé em Deus a sua futura esposa levará para o seu lar. Ao seu dispor o amigo obrigado Antonio Sólton Osterne.”**

Assim, em 26 de julho de 1936, convolou núpcias com Dilnor Osterne e naquele mesmo ano foi chefiar o Serviço Médico em São Gonçalo, município de Sousa-PB, onde já fora concluído o Açude Público São Gonçalo e se encontrava em andamento, a implantação do Projeto de Irrigação e o Instituto Experimental da Região Seca, inaugurado em 1940, pelo Presidente da República Getulio Vargas, atualmente denominado Instituto Agrônômico José Augusto Trindade, instituição pioneira na pesquisa agrônômica no Nordeste brasileiro.

Em São Gonçalo nasceram seus quatro filhos Joaquim Osterne Carneiro, Tarcísio Osterne Carneiro, Daniel Osterne Carneiro e Hortencio Osterne Carneiro. Naquela época, trabalhar na IFOCS, atual DNOCS, como técnico de nível superior e morar em São Gonçalo, ou em Coremas, onde se achava em construção o grande Açude de Curema, atualmente denominado Açude Estevam Marinho era um privilégio, pois nos Acampamentos Federais da então IFOCS, a qualidade de vida dos seus servidores, particularmente dos técnicos, era muito boa, já que existia energia elétrica e água

encanada, hospitais, grupos escolares, quadras de esporte, enfim comodidades não existentes nas localidades do sertão nordestino.

Afora as atividades normais próprias da sua profissão, Francisco de Andrade Carneiro todos os sábados se deslocava a Cajazeiras para dar assistência ao velho pai ali residente e rever familiares e amigos.

Com a redemocratização do país, em 1945, Francisco de Andrade Carneiro acompanhando a sua família, filiou-se ao Partido Social Democrático-PSD, fundando com diversos outros amigos o Diretório do referido partido em Cajazeiras.

Segundo TOTA ASSIS (1986) **“O PSD de Cajazeiras tinha como líder, Joaquim Vieira Carneiro (Moço Quincas) e seu filho Dr. Francisco Carneiro, primeiro presidente do Diretório; Timóteo Pereira, Manoel Cavalcante de Lacerda, Alberto Grady e o Tabelaio Antonio Rodrigues de Holanda que, na sua mansidão de fala e de atitudes, era um grande líder político.”**

No período de 1946 a 1950, Francisco de Andrade Carneiro licenciou-se do DNOCS, passando a residir em Limoeiro do Norte-CE, terra natal de sua esposa, oportunidade em que se dedicou à medicina, tendo adquirido uma propriedade localizada nas proximidades do então Distrito de Alto Santo. Em Limoeiro do Norte nasceram suas filhas Maria Júlia Osterne Carneiro e Aline Osterne Carneiro.

Em 1951, foi transferido para João Pessoa, quando passou a chefiar o Serviço Médico do 2º Distrito de Obras do DNOCS, passando também a trabalhar na Maternidade Cândida Vargas, à época pertencente à Legião Brasileira de Assistência-LBA, então dirigida por seu colega e dileto amigo Vicente Nogueira Filho.

NOGUEIRA FILHO (1995), à fl 84, do trabalho sobre sua experiência como médico em João Pessoa, ao narrar episódios pitorescos ocorridos na Maternidade Cândida Vargas afirma: **“Dr. Francisco Carneiro, médico muito mais velho que eu, sempre se revelou um homem humilde, mas de caráter excepcional e de respostas que demonstravam muita presença de espírito. Durante uma operação abdominal, na qual ele era auxiliar, ao terminarmos a parte principal da operação, é de rotina nossa fazermos, o que chamamos de toaleta de cavidade, ou seja, verificar se havia ficado coágulos, qualquer material cirúrgico, compressas, etc. À ocasião da verificação, eu e o Dr. Carneiro resolvemos olhar ao mesmo momento. Então nossas cabeças se chocaram. Na segunda tentativa, ocorreu o mesmo. Nossas cabeças se chocaram novamente. Então eu disse bem baixinho, para que ninguém ouvisse”: *Carneiro, tire a tromba do coxo, que eu quero fazer a verificação.*”** **“Imediatamente ele respondeu”: *Vou tirar, porque só cabe mesmo a tromba de uma porca.*”** **“De outra feita, cheguei à Maternidade, com um terno de linho branco novo. Todos notaram-no e começaram a fazer gozação comigo. Então eu respondi”: *Com este, eu tenho 11 ternos.*”** **Carneiro respondeu afirmando”: *Você pode ter 11 ternos brancos, se contar com camisas, com meias e cuecas.*”**

No mesmo trabalho, às fls 150 e 151, NOGUEIRA FILHO(1995), ao se referir aos traços marcantes dos colegas afirmou: **“Dr. FRANCISCO CARNEIRO: Homem pobre, probo, corajoso, tinha como característica, a sua simplicidade. Casado, em segundas núpcias, tinha uma prole numerosa. Conheci Dr. Carneiro, quando ainda**

era adolescente e freqüentava o Grupo Escolar de São João do Cariri. Quando chega àquela cidade o Doutor Carneiro, como médico do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Àquela época, fui vacinado contra varíola por ele. Depois, decorridos quase três décadas, reencontramo-nos aqui em João Pessoa. Apesar de pertencer à família tradicionalmente política e socialmente importante, Carneiro nunca disso se valeu. Quando nos reencontramos, eu exercia a Diretoria da Maternidade Cândida Vargas. E logo tive a idéia de conseguir alguma coisa para Carneiro. Convidei-o para freqüentar o serviço e logo depois consegui também que lhe fosse paga uma gratificação. Gostava muito de fumar charuto e jogar pif-paf. Apesar de sua situação financeira não ser boa, Carneiro sempre foi um homem honesto que até dívida contraída em jogo, era paga religiosamente. Simples e manso tinha um caráter retilíneo. Certa vez, um colega dirigiu-se a ele, de maneira áspera e injusta. Como já me referi em paginas atrás, a presença de espírito de Carneiro não se fez esperar. Respondeu ao colega no mesmo tom de voz”. *Vou lhe dar uma lição, ” dizia ele”. Não confunda humildade com humilhação. Sou humilde por natureza. Agora não suporto qualquer tipo de humilhação, venha de onde vier.”* Seus filhos honraram-lhe o nome. Em medicina, a Professora Maria das Neves Carneiro Maciel (in memoriam), brilhante professora de Parasitologia e um outro dos seus filhos, que conheci ainda garotinho, tornou-se Engenheiro-Chefe do DNOCS, em João Pessoa. Carneiro também faleceu, subitamente e prematuramente, deixando, como os outros que já se foram, uma lacuna marcante junto àqueles que faziam o Corpo Clinico da Maternidade. “

Francisco de Andrade Carneiro faleceu em 17 de setembro de 1966.

Quando do seu passamento, seu colega e amigo Otacílio Jurema, então Deputado Estadual, apresentou a seguinte voto de pesar: **“Nos termos do Regimento Interno, requiero a V. Excia, que ouvido o plenário, seja consignado na Ata de nossos trabalhos um voto de profundo pesar pelo falecimento, ocorrido nesta Capital, no último sábado, do Dr. Francisco de Andrade Carneiro, ilustre médico paraibano, e que se comunique esta deliberação à família, bem como ao Sr. Engenheiro Chefe do DNOCS, autarquia federal em que o pranteado extinto prestava serviços. Sala das Sessões, 19 de setembro de 1966. Otacílio Jurema-Deputado Estadual.**

Justificativa - O Dr. Francisco de Andrade Carneiro destacava-se pela sua bondade e lhanza no trato com aqueles que tiveram a felicidade de se aproximar de sua pessoa. Meu contemporâneo nos bancos acadêmicos, vinha de muito longe a nossa convivência. Jamais o presenciei possuído de rancor contra quem quer que fosse. Era um temperamento ameno e jovial, despido de vaidade, daí porque desfrutava da admiração e amizade de todos que dele se cercava. Formado pela Faculdade Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, no ano de 1926, dedicou-se à profissão que abraçara com espírito de humanidade e altruísmo. A medicina não era para ele uma arte para granjear riqueza ou amealhar. Ao contrário, à mesma se entregou com o espírito nobilitante de assistir aos enfermos e minorar-lhe os seus sofrimentos. E por isto mesmo deixa esta vida sem fortuna, morrendo pobre como sempre viveu, pois, o que interessava era atenuar as dores do doente, no afã de minorar os seus padecimentos, dando-lhes a necessária assistência como fiel e obstinado discípulo de Hipócrates. Excessivamente modesto, apesar de pertencer a uma família de tradição política no Estado, de nada se orgulhava ou se envaidecia, e o único cargo público que ocupou foi de médico do DNOCS, ao qual prestou, por

mais de 30 anos, uma folha de relevantes e inestimáveis serviços. Casado em segundas núpcias com Dona Dilnor Carneiro, deixa do referido consórcio seis filhos. Do primeiro matrimônio com Dona Aline Rolim Carneiro, a sua única filha é a Dra. Maria das Neves Maciel, esposa do Dr. Danilo Maciel, clínico psiquiatra nesta Capital. Reverenciando, assim, a memória do ilustre desaparecido, venho traçar, em ligeiras pinceladas, a sua biografia, o que faço repassado de saudades, de vez que ao Dr. Francisco Carneiro me encontrava ligado por laços de velha estima e sólida amizade. Eis, em síntese, o homem bom e desprezioso, hoje desaparecido do nosso meio, e que, em vida se chamou Francisco de Andrade Carneiro. Sala das sessões, 19 de setembro de 1966. Otacílio Jurema-Deputado Estadual. “

O Professor e Jornalista Antonio José de Souza, que apresentava uma crônica diária na Difusora Rádio Cajazeiras, enfocando assuntos de interesse da cidade de Cajazeiras, no dia 29 de setembro de 1966, sob o título “Em Memória de Dois Amigos de Cajazeiras”, leu o seguinte trabalho: **“Sempre é bom fazer o bem. É de justiça dar o justo o merecido tributo de amizade, de louvor e de gratidão a quem merece. E com este propósito escrevi a presente crônica que tem o duplo sentido de prestar homenagem póstuma à memória imperecível de duas figuras ilustres recém falecidas na Capital do Estado. Essas ilustres figuras que acabam de desaparecer do nosso convívio, e que se foram deste mundo talvez para um mundo melhor, não sabemos o outro mundo de além túmulo, o mundo que não tem fim, porque é eterno, estavam ligadas a Cajazeiras pelo seu passado aqui vivido, durante muitos anos, fazendo o bem, prestando serviços de incalculáveis benefícios à coletividade cajazeirense. Refiro-me, com muito respeito, veneração e profundo pesar, ao dr. Francisco de Andrade Carneiro, membro de tradicional família de nosso Estado, e a Manoel Cavalcante de Lacerda, ex-prefeito de Cajazeiras. O Dr. Chico Carneiro como era tratado na intimidade, era médico natural de Catolé do Rocha, aqui chegando nos primeiros anos de sua infância em companhia de seus pais, recebendo na terra do Padre Rolim os primeiros ensinamentos de sua formação cultural, cívico-social, que lhe serviram de base para toda sua vida, voltada, com dedicação, ao serviço do bem. Como médico prestou relevantes benefícios clínicos aos doentes pobres e desamparados de nossa terra. Era uma criatura humanitária, de uma simplicidade extraordinária envolvida numa riqueza de bondade. O Dr. Chico Carneiro casou-se a primeira vez com uma cajazeirense, a professora Aline Rolim, filha do saudoso Coronel Sabino Rolim, havendo desse consorcio duas filhas. Enviuvando casou-se em segundas núpcias com uma cearense lá do Limoeiro do Norte, havendo desse segundo matrimônio vários filhos. O dr. Chico Carneiro era médico do DNOCS e residia, há vários anos, em João Pessoa. O segundo homenageado nesta crônica é Manoel Lacerda, natural do Piancó, aqui chegando ainda muito jovem investido das funções de Guarda-Fiscal do Estado, prestando serviço na Coletoria Estadual, naquele tempo denominada Mesa de Renda. Manoel Lacerda aqui casara com Dona Nucia Lacerda, de importante família radicada em Bonito de Santa Fé, constituindo numerosa prole. Deixando a função pública Manoel Lacerda ingressou no comércio local, tornando-se um dos líderes da classe e figura de destacada projeção social em nosso meio. Depois, por circunstâncias especiais, tornou-se político militante, chegando a exercer, por nomeação do Interventor Odon Bezerra as funções do elevado cargo de Prefeito Municipal de Cajazeiras, deixando, durante o tempo que administrou o município, os traços marcantes e impagáveis de sua operosa capacidade de governar com**

energia, espírito de justiça e comprovada honestidade. Para esses dois vultos de cidadãos que desapareceram, cajazeirenses de coração, nossos amigos e amigos de nossa cidade e do nosso povo, quero deixar assinalada nesta crônica, em nome da coletividade cajazeirense, a mais forte expressão do sentimento, de profunda saudade e gratidão imorredoura como homenagem póstuma à memória dessas duas personalidades, que já se foram do nosso convívio, e hoje, por determinação de Deus, pertencem a outra vida, a vida eterna, a vida do mundo dos imortais, o mundo desconhecido, o mundo dos espíritos. Fica, portanto, aqui, nestas linhas, a minha homenagem aos dois ilustres desaparecidos, que é também a homenagem de Cajazeiras. “

O DNOCS, onde Francisco de Andrade Carneiro labutou durante tantos anos, não o esqueceu.

Nesse sentido, no final de 1966, o Diretor Geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, Coronel Ary de Pinho, determinou como homenagem póstuma, que o Hospital-Maternidade situado em São Gonçalo, município de Sousa-Paraíba, fosse denominado “Hospital-Maternidade Dr. Francisco Carneiro”.

Concomitantemente, em 1979, o Diretor Geral do DNOCS, Engenheiro José Osvaldo Pontes, denominou de Dr. Francisco Carneiro, o Ambulatório inaugurado no Edifício-Sede da Direção Geral do referido Departamento, localizado na Avenida Duque de Caxias 1700, em Fortaleza-Ceará.

De outra parte, na sua cidade natal, Riacho dos Cavalos, uma das suas principais ruas foi denominada Dr. Francisco Carneiro. Em João Pessoa, por proposição do Ex-Vereador José Faustino de Almeida, uma rua situada no Bairro do Bessa tem o nome de Francisco de Andrade Carneiro.

A sua descendência é a seguinte : 1. Francisco de Andrade Carneiro casou-se em primeiras núpcias com Aline Cartaxo Rolim, nascida em 1904 e falecida em 1933. Deste casamento nasceram os seguintes filhos: 1.1 - Maria das Neves Rolim Carneiro, nascida em 28.01.1930 e falecida em 28.04.1986. Médica, Professora da Universidade Federal da Paraíba e funcionária do antigo IPASE-Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Servidores do Estado, foi casada com Danilo de Lira Maciel, Médico, nascido em 28.06.1928, pais de:

1.1.1- Helena Cristina Carneiro Maciel, nascida em 30.06.1961. Médica, casada com o Administrador Marcos Antonio Batista Ramos, nascido em 05.08.1960, pais de :

1.1.1.1- Danilo Maciel Batista Ramos, nascido em 12.04.1979 ;

1.1.1.2- Débora Maciel Batista Ramos, nascida em 19.10.1985 ; e,

1.1.1.3- Marcos Maciel Batista Ramos, nascido em 11.12.1987 .

1.1.2- Danilo Carneiro Maciel, nascido em 04.11.1964, Agricultor, casado com Roberta Marinho Costa, Advogada, nascida em 04.08.1966, pais :

1.1.2.1 Vanessa Marinho Costa Carneiro Maciel, nascida em 20.03.1987 ;

1.1.2.2 Raissa Marinho Costa carneiro Maciel, nascida em 15.06.1989; e,

1.1.2.3 Larissa Marinho Costa Carneiro Maciel, nascida em 17.02.1996.

1.1.3- Sergio Roberto Carneiro Maciel, nascido em 07.07.1966, Médico Veterinário, casado com Carlaci Ramalho, nascida em 20.01.1967, pais de:

1.1.3.1- Ana Carolina Ramalho Carneiro Maciel, nascida em 19.11.1994 ; e,

1.1.3.2- Sergio Roberto Carneiro Maciel Filho, nascido em .07.07.1999.

1.1.4- Silvana Carneiro Maciel, nascida em 11.01.1968, Psicóloga, Professora da Universidade Federal da Paraíba, casada com seu primo legítimo Luciano Correia Carneiro, pais de :

1.1.4.1- Marcio Maciel Carneiro, nascido em 15.07.1992 ; e,

1.1.4.2- Raphael Maciel Carneiro, nascido em 05.08.2000.

1.2- Maria Pastora Rolim Carneiro, nascida em 24.02.1931 e falecida em 04.04.1962.

Contadora, funcionária do DNER-Departamento Nacional de Estradas e Rodagens.

Foi casada com Valdevir Soares da Fonseca, Bacharel em Direito, pais de :

1.2.1- Joana Elizabete Carneiro Fonseca, nascida em 04.11.1961, Técnica Administração,

casada com Constantino Cartaxo Júnior, Engenheiro, nascido em 19.10.1961, pais

de ;

1.2.1.1- Victor Carneiro da Fonseca Cartaxo, nascido em 19.11.1988 ; e,

1.2.1.2- Isabela Carneiro Fonseca Cartaxo, nascida em 07.05.1994 .

1.3- Maria Leopoldina Rolim Carneiro, nascida em 1932 e falecida em 1933.

Em 1936, após enviuvar, Francisco de Andrade Carneiro contraiu núpcias com Dilnor Osterne, nascida em 31.01.1917 e falecida em 28.05.1978, pais de:

1.4-Joaquim Osterne Carneiro, nascido em 18.05.1937, Engenheiro Agrônomo, funcionário do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas- DNOCS, casado com Maria Augusta Correia Lima, nascida em 25.04.1938, Técnica em Agricultura, pais de :

1.4.1-Francisco Antonio Correia Carneiro, nascido em 08.07.1963, Economista e Bacharel em Direito, casado com Leina de Carvalho Guerra, nascida em 28.04.1960, pais de :

.

1.4.1.1-Francisco Antonio Correia Carneiro Júnior, nascido em 06.08.1994.

1.4.2-Luciano Correia Carneiro, nascido em 16.08.1964, Técnico em Administração, casado com sua prima legítima Silvana Carneiro Maciel, cujos filhos já foram relacionados; e,

1.4.3-Licania Correia Carneiro, nascida em 26.05.1967, Fisioterapeuta, casada com Marcelo Melo Borges, nascido em 31.03.1962, Economista, pais de :

1.4.3.1 -Joaquim Osterne Carneiro Neto, nascido em 17.05.1991 ; e,

1.4.3.2-Marcela Carneiro Borges, nascida em 23.01.1999 .

1.5-Tarcisio Osterne Carneiro, nascido em 12.12.1938, Bacharel em Direito, Fiscal do

Ministério do Trabalho, casado com Wolma Toscano de Brito, nascida em 16.04.1945,

Enfermeira, pais de :

1.5.1-Sergio Ricardo Toscano Carneiro,nascido em 03.10.1971, Funcionário Público Federal, casado com Silse Nóbrega, nascida em 18.03.1971, Funcionaria Pública, pais de :

1.5.1.1- Tarcisio Osterne Carneiro Neto, nascido em 16.09.1996

1.5.2-Ana Raquel Toscano carneiro, nascida em 19.11.1974, Funcionária Pública, casada

com Jose Ricardo Carneiro Braga, nascido em 04.09.1967, técnico em Informática, pais de :

1.5.2.1- Luiza Toscano Carneiro Braga, nascida em 26.09.1998 ; e,

1.5.2.2- Rafael Toscano Carneiro Braga, nascido em 08.03.2000.

1.5.3- Ana Carla Toscano Carneiro, nascida em 19.11.1974, Advogada , casada com Emanuel Ruck Vieira Leal, Advogado.

1.6- Daniel Osterne Carneiro, nascido em 30.03.1940, Engenheiro Agrônomo, funcionário do DNOCS-Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, casado com Dineusa Nunes, nascida em 30.12.1946, pais de :

1.6.1- Daniela Nunes Carneiro, nascida em 29.03.1975, Advogada; casada com Givaldo de Souza Costa Filho, Funcionário Público Federal, nascido em 20.09.1973 e,

1.6.2- Rodrigo Nunes Carneiro, nascido em 31.05.1979, Bancário, falecido em 23.08.2001.

1.7- Hortencio Osterne Carneiro, nascido em 04.09.1941 e falecido em 25.07.1981.

Era Técnico em Administração, funcionário do DNOCS-Departamento Nacional de

Obras Contra as Secas, casado com Maria Aparecida Soares, pais de :

1.7.1- Francisco de Andrade Carneiro Neto, nascido em 19.03.1970, Advogado, casado

com Laís Meireles Teixeira, nascida em 31.01.1977 ;

1.7.2- Leonardo Soares Carneiro, nascido em 30.03.1973, Técnico em Administração,

casado com Mirian Nóbrega, nascida em 11.02.1979, Fisioterapeuta;

1.7.3- Giulianna Soares Carneiro, nascida em 14.06.1976, Advogada.

1.8- Maria Julia Osterne Carneiro, nascida em 05.08.1947, Professora, casada com

Rinaldo Ferrer de Andrade e Silva, nascido em 03.08.1943, Engenheiro, pais de :

1.8.1 – Vicente Ferrer de Araújo Neto, nascido em 31.05.1975, Programador.

1.8.1- Érika Ferrer Osterne Carneiro Cruz, nascida em 31.05.1975, Advogada, casada com Marcial Henrique da Cruz, nascido em 20.11.0968, Juiz de Direito, pais de :

1.8.1.1- Lívia Ferrer Cruz, nascida em 23.06.1999 e

1.8.1.2 – Rebeca Ferrer Cruz, nascida em 09.10.2001.

1.9- Aline Osterne Carneiro, nascida em 09.05.1949, Assistente Social.

Bibliografia

NOBREGA, Apolônio . Bacharéis Paraibanos de Olinda e Recife, de 1832 à 1960 .
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Volume 262 – janeiro-março
1964. Departamento de Imprensa Nacional. Rio 1964, p. 160.

NOGUEIRA FILHO, Vicente. Caderno de Anotações – 50 Anos na Vida de um
Parteiro Provinciano. A UNIAO Sup. de Imprensa e Editora. João Pessoa –PB, 1995.

(TOTA ASSIS)-Costa, Antonio Assis. A(s) Cajazeiras Que Eu Vi e Onde Vivi. Gráfica
Progresso Ltda. João Pessoa- PB,, 1986, p. 143.

A respeito da personalidade de Francisco de Andrade Carneiro, seus parentes e amigos deram os depoimentos que seguem:

Depoimento de Joaquim Osterne Carneiro (filho)

Como filho mais velho, recebi dos meus pais e de minhas irmãs Pastora e Maria das Neves (Nevinha), que era minha madrinha de apresentação, carinho e desvelo inexcedíveis. Com papai, compartilhei momentos que ficaram para sempre na minha memória, já que desde a mais tenra idade o acompanhava nas viagens de lazer que costumeiramente fazia a Cajazeiras, para visitar meu avô Moço Quincas, que todos os netos chamavam de **paim**, como também, quando ia passar alguns dias na Fazenda Areia, de sua cunhada Emeline Cartaxo Rolim, esposa de José Leite Furtado, oportunidade em que nos deliciávamos com o leite mungido e com os queijos ali preparados.

Quando fomos morar em Limoeiro do Norte, terra de mamãe, freqüentemente acompanhava papai quando ia atender um doente no meio rural, ou quando ia ao Cipoeiro, propriedade que adquiriu nas proximidades do então Distrito de Alto Santo. Aqui em João Pessoa, quando nos fixamos em 1951, já entendendo dos problemas da vida, conversava muito com ele sobre história e política e uma coisa que sempre me

impressionou, foi a sua prodigiosa memória, que possibilitou como estudante de medicina, decorar um exemplar resumido da Anatomia de Testut, que ele conservava com cuidado. Creio mesmo que, como sabia dessa sua qualidade, estudava pouco, pois aprendia tudo com muita facilidade. Apaixonado pela história, sabia de cor as principais batalhas havidas na Segunda Guerra Mundial, destacando os personagens, as belonaves que tomaram parte e os locais onde se processaram as lutas. Muito sensível, profundamente humano, queria muito bem à família, se apiedava dos sofrimentos alheios mas não se preocupava em amealhar riqueza. Ainda hoje lembro que, quando viajei para Areia, a fim de fazer vestibular na Escola de Agronomia do Nordeste, em fevereiro de 1958, ele me entregou uma carta que enviava ao Dr. Roberto Cavalvanti Pinto da Carvalheira, Professor daquela faculdade e seu velho amigo desde o tempo em que ambos trabalhavam no Instituto Agrônomo José Augusto Trindade, em São Gonçalo, Sousa- PB. Com não costume ler as cartas de outras pessoas, guardei-a e logo ao chegar à Escola de Agronomia, procurei o Dr. Carvalheira que se achava de férias, em Sousa visitando parentes da esposa. Depois de alguns dias, tendo o Professor Carvalheira regressado a Areia, fiz a entrega da carta que lhe mandara papai. Qual não foi minha surpresa, quando Dr. Carvalheira pediu que eu lesse aquela missiva, onde papai iniciava dizendo “Carvalheira, mando para Areia um pedaço do meu coração”. Este fato ainda hoje comove o meu espírito e mexe com os meus sentimentos. Depois de formado, principalmente, quando chefiar o Instituto Agrônomo José Trindade, já sofrendo de problemas cardíacos, papai passava dias em minha casa, curtindo os netos, recordando o tempo feliz em que ali viveu, despreocupado dos problemas existentes nos grandes centros, em contato com o sertão que tanto amava. Este foi o pai que conheci, que amei e que foi um amigo que sempre me ajudou.

Joaquim

Depoimento de Tarcísio Osterne Carneiro (filho)

Um Exemplo de Amor

Sempre que me lembro de papai me invadem sentimentos de saudade e de gratidão. Gratidão por tudo que ele representou e representa para mim, isto é, amor, amizade, bondade, compreensão, liberdade, honestidade e muita sensibilidade.

Uma de suas qualidades que mais me enternecia, encantava e emocionava era o seu extremado amor pelos filhos, esposa e demais familiares e amigos. Nossa casa era simples, acolhedora e quase sempre estava cheia de amigos que nos visitavam e de parentes, alguns bem pobres, que vinham do sertão para tratamento de saúde. Certa vez, um desses parentes, humilde agricultor de semblante tristonho, sentado conosco no terraço, disse uma singela frase que nunca me esqueci: “eu pensava que o paraíso não existia, mas o paraíso é esta casa”.

Papai incentivava nossos estudos e ficava muito feliz com nossas pequenas vitórias. Quando eu e Daniel fomos aprovados no vestibular, sua alegria foi imensa, jamais vou esquecer do brilho dos seus olhos e da felicidade de sua fisionomia. Por outro lado, a sua tristeza foi bem maior quando nossa querida irmã Pastora faleceu; foi o pranto mais triste e sentido que presenciei em minha vida.

Enquanto viveu, papai participou intensamente de todas as realizações da minha juventude, como o vestibular, o primeiro emprego e o primeiro carro, o famoso jipe de placa 2005, fiel companheiro de viagens, festas, carnavais, namoros, farras, etc. Para comprar o jipe eu juntara algum dinheiro de meus salários, mas ainda foi preciso fazer um empréstimo na Caixa Econômica Federal, coisa muito difícil na época. Sabendo do fato e sendo amigo do titular da Carteira de Empréstimos da CEF, o Dr. Rômulo Rangel, papai falou com ele e conseguiu que eu fizesse o meu primeiro empréstimo e, conseqüentemente, comprasse o carro.

O jipe ficou tão famoso pelas nossas “aventuras” que, ao iniciar namoro com Wolma, seu irmão Wolgrand ao saber disse-lhe que eu era um bom rapaz, que ela poderia namorar-me, porém só deveria entrar no jipe acompanhada de algum parente. É que Wolgrand, meu cunhado, grande amigo e colega de turma na Faculdade de Direito, era meu companheiro de festas e farras no jipe 2005.

No meu tempo de ginásio, no Colégio Pio X, não fui um bom aluno; gostava de jogar futebol, de festas (assustados) e namoros, razão por que fui reprovado em um ano. Quando concluí o ginásio, pedi a papai para estudar à noite, no Liceu, pois desejava trabalhar durante o dia. Tio Antônio, de saudosa memória, ao saber da minha pretensão, disse a papai: “Chico, se esse menino não gosta de estudar no Colégio Marista, avalie ele estudando no Liceu e à noite!” Mesmo assim, com grande liberalidade, papai permitiu que eu estudasse à noite no Liceu. Foi uma extraordinária mudança em minha vida; saíra de um colégio onde só estudavam rapazes e passara a estudar com moças e rapazes, sendo que alguns colegas eram casados e quase todos trabalhavam.

Pensando na reprimenda do querido Tio Antônio (que estava coberto de razão) e também na confiança depositada em mim por papai, passei então a estudar com afinco e seriedade e nunca mais sofri uma reprovação nos estudos.

Por tudo isso, é que minha gratidão para com papai é ilimitada, e pretendo passar para os meus filhos e netos o seu exemplo de amor, amizade, honestidade, compreensão, bondade, sensibilidade e liberalidade. Exemplo que viverá na minha eterna gratidão e

saudade, porque como disse a poetisa Gabriela Mistral “não morre quem nos vivos vive”.

Tarcísio

Depoimento de Daniel Osterne Carneiro (filho)

Nesta oportunidade em que nossa família comemora o centenário de nascimento de papai, procurarei enfocar algumas lembranças, fatos e estórias com ele relacionadas nas três localidades onde residimos, ou seja, em São Gonçalo, Limoeiro do Norte e João Pessoa.

Para escrever estas palavras terei que mergulhar num passado já longínquo, que sei me trará muitas recordações. Afinal, como dizia Alcides Carneiro, “recordar não é viver; recordar é viver de lembranças e viver de lembranças é morrer de saudades”.

Após a conclusão das obras de construção do Açude Público Eng.º Avidos (ex-Boqueirão de Piranhas), município de Cajazeiras-PB, papai e mamãe, que eram recém casados, mudaram-se em 1936 para o Acampamento Federal de São Gonçalo, município de Sousa-PB, que pertencia à Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas-IFOCS, atual DNOCS, órgão onde papai desempenhava sua profissão de médico.

Nasci em São Gonçalo no dia 30/03/1940 e nos mudamos para Limoeiro do Norte em 1946. Eu tinha, portanto, pouca idade, mas lembro-me perfeitamente de muitos fatos que ocorreram naquela quadra da minha vida.

Naquela época, com a conclusão do Açude Público São Gonçalo, a IFOCS providenciou a implantação das obras dos canais de irrigação, drenos e estradas rurais, que chegavam às centenas de quilômetros, de residências para pessoal de nível superior (inclusive muitos estrangeiros), nível médio e auxiliar e das demais instalações necessárias ao funcionamento do Instituto Agrônômico José Augusto Trindade-IAJAT. Esse órgão tinha como finalidade a execução de pesquisas agrícolas para a zona semi-árida do Nordeste, e após sua inauguração ocorrida em 1940, pelo Presidente Getúlio Vargas, passou a ser considerado a “sala de visita do Nordeste”. Como os serviços

eram realizados por administração direta, isto é, pela própria repartição, que contratava o pessoal de que precisava, o número de funcionários dos diversos níveis e especializações era bastante significativo. Havia também a população da circunvizinhança e muitos migrantes por lá chegavam à procura de emprego, principalmente quando ocorria uma seca. Geralmente, a população de São Gonçalo contava-se aos milhares. Como se pode depreender, os problemas de saúde eram muitos e papai, como o único médico existente no local e contando com a ajuda de alguns auxiliares, desdobrava-se para atender a todos com presteza e mitigar-lhes as dores que os afligiam.

Morávamos em uma bela casa isolada, situada logo a jusante da barragem auxiliar e do sangradouro do Açude São Gonçalo, próxima à rua que faz esquina com o Hotel Catete. Nossa residência era visitada por muitas pessoas, que procuravam meu pai para tratar dos mais diversos assuntos: assistência médica, solicitação de emprego, convites para casamentos e batizados, solicitações para representar ou acompanhar pretendentes em pedidos de casamento e aconselhamento para problemas pessoais, entre outros. A todos ele procurava atender com a maior prestimosidade, pois além da medicina também desempenhava militância política no Partido Social Democrático-PSD, a que se filiou acompanhando seus familiares, especialmente os primos Ruy, Janduy e Alcides Carneiro, tendo exercido a presidência do Diretório da cidade de Cajazeiras, do qual foi um dos fundadores e era considerado uma das principais lideranças.

Ainda hoje mantenho contato com pessoas que conheci naquele tempo e que residem em São Gonçalo, João Pessoa, Campina Grande e outras cidades. Quando nos encontramos ou nos comunicamos à distância sempre vem à baila o nome do Dr. Chico Carneiro, como ele era conhecido.

A carta que reproduzirei em seguida, me causou profunda emoção e me foi enviada pelo amigo José Laurindo de Sousa, que juntamente com sua família freqüentava a nossa casa. O seu depoimento retrata fatos da minha infância, juntamente com meus irmãos Joaguim, Tarcísio, Hortêncio, Nevinha e Pastora (Maria Júlia e Aline não eram ainda nascidas) e atitudes que revelam a simplicidade, o caráter retilíneo e o espírito de solidariedade humana que eram atributos marcantes da personalidade de papai.

“Campina Grande, 10 de setembro de 1998 – Daniel, não sei por onde descobri o seu endereço. Também gostaria de ter o endereço de Joaquim e Tarcísio. Nas minhas elucubrações lembro-me de passados bem distantes. Quando chegamos em São Gonçalo, vindos de Conceição do Piancó, eu tinha 14 anos, minha mãe viúva, não tínhamos nenhum recurso financeiro e foi Dr. Francisco de Andrade Carneiro que me empregou na IFOCS, em 1940. Nessa época, o Residente era o sr. Josipe Gadelha. Moravam vizinhos e eram muito amigos. Dona Dilnor era muito jovem ainda, se muito tivesse, era 25 anos. Dr. Chico Carneiro – como era conhecido - , tinha umas cinco vacas boas de leite, o curral ficava além do açude da Medidora, Bernardino de tia Rosa era quem tirava o leite. Eu lembro-me ainda os apelidos das vacas, eram: Bordada, Negria, Laranja e Penteada. Sempre sempre eu levava vocês para o curral para tomar leite mugido da vaca preta – Negria, por sinal, era muito boa de leite. Hortêncio era muito gago, me fazia muitas perguntas. Ele me chamava Zé-zé Lo-lo-rindo. Na seca de 1942 levei muitas vezes o Dr. Chico na charrete do Residente Sebastião de Abreu, para fazer partos de mulheres flageladas da seca em barracos improvisados. Nessa época o hospital era na Rua

16, já estávamos em pleno DNOCS e eu trabalhava no Lactário, na direção de D. Maria Régis do Amaram – A. Social -, e mais duas enfermeiras: D. Prascóvia Barroso Gadelha e D. Maria Barbosa Travassos. Eu antes de ir para o trabalho, levava o leite, comprava a carne que ser chã de dentro, patinho ou lombo, por sinal, Chico Gato – o marchante - já a tinha reservado. Eu levava mais o pão e a verdura. Depois de tomar um café muito gordo, era que eu ia para o serviço. Eu tinha um patrão forte, ninguém reclamava a hora que eu chegava. Eu lembro-me muito do aniversário de Tarcísio, 12 de dezembro, não me recordo o ano, pelo simples fato do Dr. Chico ter me mandado a Cajazeiras comprar as bebidas. Eu lembro-me que D. Dilnor reclamou dizendo: “Chico, esse menino sabe fazer essas compras?” “Sabe”, respondeu Dr. Chico. Eu fiquei muito orgulhoso com aquela resposta, foi na casa comercial de Álvaro Marques, as bebidas foram: whisky, cerveja e guaraná. Nessa época não tinha ainda as multi-nacionais coca, fanta e outras. Mas tinha uma bebida fabricada por tia Marcolina que substituína na grande as multi-nacionais de hoje. Ela botava em um pote novo uma certa quantidade de rapadura, milho e arroz e outros ingredientes que não lembro-me. Isso fermentava por um certo tempo, tirava-se, coava-se e botava-se em litros para gelar. A geladeira era um caixão grande com blocos de gelo e pó de madeira. Não existiam os eletro-domésticos que temos hoje. Eu lembro-me demais de Nevinha e Pastora na adolescência, elas estudavam na Escola Normal N. S. de Lourdes, em Cajazeiras, e só vinham a São Gonçalo nas férias. Daniel, um abraço pra você e toda sua família. Que as Asas Onipotentes lhes cubram com seu manto de bondade. José Laurindo de Sousa M.: M.: 33°.

A carta de José Laurindo mereceu de minha parte a seguinte resposta.

João Pessoa, 15 de setembro de 1998. Caro amigo Zé Laurindo. Recebi sua carta datada de 10/09/98, que me trouxe grande satisfação. Foram fatos e pessoas que me transportaram a um passado já distante, mas que, a despeito da pouca idade que tinha (6 anos) quando nossa família mudou-se de São Gonçalo, em 1946, nunca esqueci. Fiquei muito emocionado pelas referências elogiosas que você fez aos meus pais (Dr. Chico e D. Dilnor), com os quais você conviveu muitos anos. Papai, como você sabe, era muito querido pela população local, pois sempre tratava bem a todas as pessoas, não importando se fossem ricas ou pobres. Como médico, tudo procurava fazer para aliviar as dores ou salvar as vidas daqueles que o procuravam. Quanto a mamãe, guardo dela a imagem de uma pessoa calma, simples, bondosa e sem vaidade, que preocupava-se apenas em desempenhar seu papel de esposa, mãe de família e dona de casa. Sempre agradeço a Deus, por ter me dado os pais que tive. Eles gostavam muito de todos de sua família e os considerava pessoas de toda confiança. Naquele tempo, lembro-me perfeitamente que freqüentavam a nossa casa: compadre Bernardino, comadre Rosa, Chico e Titica (filhos), D. Luiza (sua mãe) e Terezinha e Rita (filhas). Com relação ao pessoal que trabalhou em São Gonçalo entre 1941 e 1971, conhecia muitos de nome, por intermédio de relatos feitos por papai e outros pessoalmente, inclusive como colegas de trabalho, pois, como é do seu conhecimento, prestei serviços no DNOCS de 1966 a 1996, quando me aposentei. Estou enviando em anexo os endereços de Joaquim e Tarcísio. Com meus agradecimentos pela lembrança que teve de me enviar a carta, envio um forte abraço para você e toda sua família, esperando em breve encontrá-lo pessoalmente. Do amigo, Daniel .

Em 1946 papai licenciou-se do DNOCS e nos mudamos para Limoeiro do Norte-CE, terra natal de mamãe. Lá fomos morar na residência do nosso avô materno, José Osterne Ferreira Maia, em companhia de nossas tios Cremilde, Emilce e Hosanan, e de Santana, uma agregada da família, muito querida por todos.

A casa situava-se num dos principais logradouros da cidade, era muito grande e em seu quintal havia um sítio com muitas fruteiras, um campo de futebol e um curral onde ficavam algumas vacas do meu pai e do tio Antonio Osterne.

Em Limoeiro do Norte ele montou seu consultório e passou a exercer a profissão de médico com grande desenvoltura, terminando por conquistar a simpatia e a confiança da população.

Após juntar algum dinheiro, papai adquiriu a propriedade Cipoeiro, localizada nas proximidades da atual cidade de Alto Santo, próxima a Limoeiro, onde passou a criar gado bovino e alguns cavalos. Naquela época, a pecuária funcionava como uma maneira de aplicar dinheiro ou de poupar.

Aliás, uma das características de papai era o seu apego pelas coisas do campo.

Geralmente aos domingos, nossa família se deslocava para a fazenda. Os banhos de açude, as pescarias e caçadas eram a alegria da meninada.

Lembro-me do dia em que papai foi sorteado com o grande prêmio da Loteria Estadual do Ceará e a casa encheu-se de parentes e amigos. O dinheiro do prêmio foi utilizado na compra de gado, de móveis novos e de um rádio que era acionado por bateria.

Em 1951 papai resolveu retornar ao DNOCS e para proporcionar melhores meios de educação para os filhos mudou-se para João Pessoa.

Chegamos a João Pessoa no início de 1951 e nos instalamos em uma casa na rua Princesa Isabel, nas proximidades do Mercado Central.

A partir dessa época, nossas irmãs Nevinha e Pastora, que até então viviam em companhia dos avós maternos, passaram a residir em nossa casa.

No final de 1952, quando já estávamos ambientados na cidade, toda a prole estudando e nossa irmã Nevinha iniciando o curso de Medicina, o que se constituiu numa grande alegria para papai, nos mudamos para uma residência na rua Camilo de Holanda, logo após o cruzamento desta com a rua Maximiano de Figueiredo, onde permanecemos até o ano de 1957, quando foi adquirida a casa da rua Sandoval de Oliveira, n° 81 – Torre, onde residimos por longos anos.

Em João Pessoa, papai exercia as funções de Chefe do Serviço Médico Assistencial do DNOCS, pertencia também aos quadros da LBA, prestado serviço na Maternidade Cândida Vargas e era membro da Junta Médica Federal, que também era composta pelos médicos Everaldo Ferreira Soares (Correios e Telégrafos) e Pastor Paulino da Silva (Escola Industrial da Paraíba).

Fora do trabalho, papai gostava de ler, especialmente jornais e revistas, assistia a filmes de aventura, principalmente dos gêneros cow-boy e de guerra e também apreciava jogar baralho com os amigos.

No terraço de nossa casa, após o jantar ou em outros momentos de lazer, ele contava muitas estórias, mais das vezes jocosas, sobre pessoas com quem convivera no sertão.

Guardo de papai a lembrança de uma pessoa simples, alegre, de temperamento ameno, que só nos deixou bons exemplos a serem seguidos.

Por tudo isso tenho orgulho de ser seu filho.

Daniel

Depoimento de Maria Júlia Osterne Carneiro Ferrer (filha)

Nosso pai, Francisco Carneiro, apesar de sua enorme simplicidade e de não ter perdido os hábitos sertanejos, deixou motivos de sobra para nos orgulharmos de seu caráter, sua sinceridade sem limite, sua dedicação como médico e das boas amizades que soube conservar. Só podemos dizer "obrigado papai" pela maravilhosa vida que nos proporcionou e, como definiu um parente seu que passou uns dias conosco, nossa casa era um "céu".

Também obrigada, principalmente, pela mulher maravilhosa que escolheu para ser nossa mãe, pois mamãe na sua tranquilidade materna e de dona de casa foi sempre uma estrela de primeira grandeza em nossas vidas. Tinha dinamismo, organização, simpatia e um grande carinho por todos que privassem de sua convivência. Tornou a vida das enteadas (Nevinha e Pastora) a melhor possível, plantou só sementes de união, de onde passamos a formar uma só família. Acho que um dos maiores desprendimentos dela foi colocar o nome de sua filha mais nova, Aline (primeira esposa de papai), a pedido das enteadas.

O grande golpe que nossa família sofreu junta foi a perda prematura de Pastora, mas como tínhamos uma grande estrutura doméstica soubemos sofrer com dignidade. Nessa

época, papai recebeu todo o carinho dos colegas da Maternidade Cândida Vargas, que se reuniram e o removeram da escala de plantão para as enfermarias. Quando Hortêncio e Nevinha se foram, papai e mamãe não mais existiam e graças a Deus foram poupados.

A maior demonstração de carinho que recebi de minha mãe foi no nascimento de Érica e Vicente. Toda a minha felicidade foi vivida por ela com a mesma intensidade.

Assim era nossa vida, oito irmãos muito felizes. Hoje somos cinco, mas tudo que somos devemos ao exemplo de vida que recebemos de vocês, meus queridos pais.

Maria Júlia

Depoimento de Aline Osterne Carneiro (filha)

Várias lembranças levam-me até nossa convivência familiar, principalmente as da infância, algumas mais marcantes, que relatarei despretenciosamente.

Éramos uma família numerosa: papai, mamãe e oito filhos. Vivíamos com dignidade e de bem com a vida. Nossa casa era super animada, sempre cheia de familiares e amigos.

Comemorávamos juntos todas as festas do ano. Creio que como toda criança, eu sonhava com o Natal: havia a ceia, presentes e muita alegria.

Papai, como médico trabalhava no DNOCS e na Maternidade Cândida Vargas. Algumas vezes para superar dificuldades financeiras, nas datas festivas ele era escalado para o plantão médico da maternidade. Então, quando o plantão ocorria no Natal a nossa festa sofria modificações. À noite íamos para a missa na capela da maternidade, logo após as freiras nos serviam um lanche. Ele, juntamente com mamãe não davam chances para tristezas. Satisfeitos parecia até que havíamos participado da missa na Capela Sistina do Vaticano e estávamos nos deliciando em um banquete requintado!

Assim eram meus pais, enfrentavam a vida com honestidade e sem queixas, sabiam encontrar felicidade até nos momentos simples da vida. Procuravam nos poupar dos sofrimentos e problemas. Recordo que eles diziam: “se alguém quisesse nos fazer algum mal, preferiam que o tal mal fosse feito para eles.”

Hoje agradeço a Deus por todos os Natais que passamos juntos (na nossa casa, ou na casa do avô materno em Limoeiro do Norte ou na Maternidade Cândida Vargas).

Agradeço também o privilégio de ter nascido nesta família e finalmente porque vocês existiram!

Para os meus pais e todos os entes queridos que também já se foram, mas permanecem como estrelas-guia, iluminando nossos caminhos com seus exemplos.

Toda a saudade contida neste simples relato.

Aline

Depoimento de Maria Aparecida Soares Carneiro (nora)

Coube a mim, representar meu esposo neste especial momento de recordação.

Fecho os olhos e vêm em minha mente momentos vividos em companhia do meu sogro, Dr. Chico, como todos o conheciam.

Falar de sua pessoa é muito fácil, pois ele transmitia seus sentimentos como uma criança.

Era um homem simples por natureza. Vivia para a família e nela colocava toda a sua vida. Se hoje ele estivesse conosco, iria se orgulhar dos frutos de sua dedicação.

Lembro-me de sua alegria, quando viajávamos para o sertão. Naquele tempo as estradas eram de barro e passávamos quase doze horas para chegarmos ao nosso destino. Ele todo entusiasmado, com seu costureiro terno branco, sentado ao lado do motorista sem nunca largar o seu cigarro, ia a conversar sobre o tempo e a seca do sertão. O sertão para ele era o seu segundo lar.

Sua espontaneidade era marcante. O riso fluía com tanta facilidade em seus lábios, que contagiava os que estavam em sua companhia.

Lembro-me em especial dos momentos de descanso, após o almoço, que fazíamos na varanda de sua casa. Ele deitado em sua rede, nós a conversarmos. Assunto não faltava. A alegria tomava conta de nós. Era quando eu me sentia da família.

Houve também momentos de tristeza, quando Pastora adoeceu. Vi meu sogro sofrendo, como também todos aqueles que compartilhavam sua dor. Foi ele que segurou com toda fortaleza este mau tempo que aconteceu na família.

Depois vieram as netinhas que alegraram mais a sua vida.

Foi um homem de muita sorte, pois teve como esposa D. Dilnor, mulher e companheira de todas as horas. Ela contornava os problemas familiares. Era dócil e ao mesmo tempo enérgica. Tinha solução para tudo.

Quando minha mãe faleceu, encontrei muito apoio em minha sogra. Guardo na lembrança, para sempre, uma frase que ela me disse: "casamento não é só com o noivo, mas também com a família". Ela era uma mulher muito sábia. Hoje eu tenho a prova disso.

Portanto, aqui estou eu a falar sobre um tempo tão bem vivido, que guardo para sempre no meu coração com muito carinho.

Cidinha e Hortêncio (in memoriam)

Depoimento de Maria Pastora Carneiro Feitosa (sobrinha)

Aos 15 anos, conheci realmente tio Francisco, quando nos mudamos para João Pessoa, em 1957.

Garota de cidade grande, criada sem irmãos, tive um enorme prazer em participar de sua numerosa e alegre família, onde eu me sentia uma filha e irmã. Dessa convivência guardo muitos momentos felizes. Tio Francisco contando casos engraçados, brincadeiras feitas em parceria com os filhos. Olhos brilhantes, charuto entre os lábios, um tantinho de cinza na camisa, era o mais animado da casa esse meu tio bonachão.

Entre essas estórias, lembro-me daquela que envolve o galo surrupiado da casa do primo Vicente de Paulo e servido a ele em um almoço de Domingo de Páscoa. E também a do ladrão que entrando em um quintal para roubar um peru, deparou-se com todos os filhos do proprietário além de alguns amigos, e apavorado largou lá mais dois perus, vindos sabe Deus de onde, uma vez que da vizinhança não era.

Meu pai, Daniel, de natureza mais formal, dava-se ares de irmão mais velho, e cheio de cuidados dizia; "Francisco pensa tanto nos outros que esquece de si mesmo."

Comentava com orgulho quão bom médico ele era, não tendo se projetado mais pela sua natureza simples.

Era amigo verdadeiro de pobres e ricos, de uma lealdade sem limites. Em sua casa havia sempre abrigo e ajuda para parentes sertanejos que o procuravam. Sempre um agrado, uma guloseima ou um cafezinho de boas vindas para os visitantes.

Nisto estava também o dedo de Dilnor, pessoa prezada e carinhosa, tão admirável que chegou a batizar sua filha caçula com o nome da primeira esposa do marido, Aline. Humanamente era impossível existir par tão perfeito.

Depoimento de Maurício Montenegro Rocha (amigo e admirador)

Dr. Chico Carneiro – Um Exemplo de Cidadão

Início da década de 50.

João Pessoa guardava todas as características de uma cidadezinha interiorana, bucólica e romântica.

Lembro-me bem, naquela época, o bonde passando em frente às nossas casas e das “marinetes”, tipos de utilitários que circulavam como coletivos.

Chegamos praticamente ao mesmo tempo para residir ali na Camilo de Holanda.

Morávamos tête a tête, os Carneiro e os Montenegro.

Logo fizemos amizade, os pais, os meninos e as meninas.

Uma amizade que venceu décadas e até hoje se cultiva mutuamente entre os remanescentes.

Nós éramos seis filhos e eles oito, dois do primeiro matrimônio, Nevinha e Pastora, os outros seis do segundo, Joaquim (Quinca), Tarcísio (Nego Velho), Daniel (Danda), Hortêncio (Beba), Maria Júlia (Juju) e Aline (Maninha).

A convivência diuturna levou-me até Dr. Chico.

Mais que isto, estabeleceu-se entre nós uma tolerância e uma afinidade que, independentemente da diferença de nossas idades, nos unia a cada dia e nos fazia cúmplices das brincadeiras tão ao seu gosto.

Desde a mais tenra idade cultivei a tendência em aproximar-me de pessoas mais idosas. Talvez por isto foi facilitado nosso entrosamento.

Logo me acostumei àquela figura de admirável senso de humor.

Sem esforço, lembro-me daqueles olhos miúdos, do cigarro Continental sem filtro, aceso um após outro, intercalados por longas baforadas de um charuto cujas cinzas teimavam em cair-lhe sobre a camisa de linho e que ele displicentemente retirava com as costas das mãos.

Nos períodos de férias era ele o primeiro a lembrar: chamaram Calvino? – apelido que me foi posto por Daniel – e assim repetidas vezes acompanhei a família para o merecido lazer no Posto Agrícola do Açude Pilões, em São João do Rio do Peixe, à época Antenor Navarro.

Eu devia andar pela casa dos 16 ou 17 anos e com frequência era por ele convocado para completar a mesa de canastra juntamente com Danilo e Pastora.

Partilhava daquele passatempo compenetrado e ficava ali, horas e horas, numa satisfação indescritível sentindo-me como se adulto fosse.

Quando o jogo era a dinheiro para valer, sabendo ele das minhas limitações financeiras, emprestava-me o suficiente para que eu pudesse participar da parceria.

Não ousou imaginar que o Dr. Chico tivesse algum defeito.

Socialmente, um homem simples sem maiores ambições.

A vida alheia pouco ou nada lhe interessava.

Vestia-se sem compromissos e sem vaidade, entendendo a indumentária como um mero acessório para proteger-lhe o corpo ou simples exigência social.

Seu mundo, ao que me pareceu, limitou-se entre a medicina e a família.

Durante anos de convivência nunca o percebi exaltado.

Quando muito sentava-se numa espreguiçadeira com as mãos juntas entre as pernas que balançavam agitadamente e quedava-se num silêncio misterioso dentro de si com o olhar distante para algo que somente ele sabia.

Alto astral, cabeça fria e moral ilibada.

Recordo-me de um episódio que traduz com muita propriedade seu comportamento frente às vicissitudes do cotidiano.

D. Dilnor, apoquentada com o estado de embriaguez em que se encontrava nosso Beba, o caçula dos homens, apelou:

- Chico veja só o estado deste menino!
- Hortêncio, você está sentindo alguma coisa?
- Tô não papai – foi o máximo que Beba conseguiu articular, quase inaudível, com a língua embaraçada, segurando-se na ponta da mesa para não tombar.
- Está vendo Dilnor, o menino está bem!

E não se disse mais nada.

Hoje, vivo fosse, Dr. Chico estaria completando cem anos de existência e nos brindando com sua sabedoria

Depoimento de Solidonio Lacerda(médico e amigo)

Francisco de Andrade Carneiro – O Médico das Secas

O Dr. Francisco de Andrade Carneiro (Chiquincas) era amigo do meu pai – Manoel Lacerda – através de quem, aprendi a admirar a grande figura do Dr. Chico, cujo centenário de nascimento será festivamente comemorado no dia 5 de janeiro de 2001.

Vasculhando o passado, recordo que ainda criança, tive o primeiro contato com tão ilustre personalidade, nos idos de 1932, quando foram reiniciados os trabalhos da construção do açude de Boqueirão de Piranhas, planejado em 1915. As obras tiveram início no governo de Epiácio Pessoa, sendo abandonadas no governo de Arthur Bernardes, ocasionando grande perda de veículos e máquinas, destruídos pela ação do tempo. As obras foram retomadas no governo provisório de Getúlio Vargas, graças à ação de José Américo da Almeida, então Ministro da Viação e Obras Públicas.

Naquela ocasião, Dr. Carneiro era o “médico das secas” e meu pai era estabelecido como fornecedor, sendo proprietário de um chamado “barracão”. As lembranças que se fixam na infância são imutáveis e duradouras, resistindo ao tempo. Ambos habitavam a mesma moradia. Eram companheiros de pensão. O convívio diário aumentou e solidificou uma amizade preexistente, tornando-os amigos durante os muitos anos que tiveram pela frente.

Levado pelo meu pai a Boqueirão, ali conheci o “filho médico” de Moço Quincas. Desde então, o via como um homem simples, de aparência tímida, que irradiava simpatia e bondade. Não consigo dissociá-lo do cigarro e do terno branco. Pela vida afora, tivemos encontros fortuitos, mas suficientes para dar autonomia a uma amizade, que já não dependia do meu pai.

Estudante de medicina, não me furtava de ir ao seu encontro, sempre que surgia uma oportunidade, ocasiões em que ele proferia palavras de estímulo e incentivo, em relação aos meus estudos. Formado, passei a residir no Rio, onde casei com Laurita, integrante da sua família. Muitas pessoas comentavam a semelhança entre minha esposa e sua filha Pastora. Fomos à Paraíba e recebemos a sua visita, levando a filha para o devido confronto fisionômico.

Até os dias atuais, sua imagem permanece indelével. Tenho fixado na memória o homem sério, íntegro, prestativo, amigo leal, chefe de família exemplar, qualidades que fez frutificar pelo exemplo, na família que formou e que se prepara para comemorar merecida e condignamente e seu centenário.

Se tivesse de resumir tudo em uma só palavra, diria que o Dr. Francisco de Andrade Carneiro, era um homem BOM.

Meu pai faleceu no dia 18 de setembro de 1966. O Dr. Carneiro faleceu no dia 19 do mesmo mês e ano. Foram amigos na vida e, possivelmente, na morte foram conduzidos pelos mesmos caminhos.

ICONOGRAFIA

Fotografia da conclusão do curso de Medicina de Francisco de Andrade Carneiro

Rio de Janeiro – 1926.

Casamento de Francisco de Andrade Carneiro e Dilnor Osterne Carneiro

Açude Engenheiro Avidos (antigo Boqueirão de Piranhas), 26-06-1936

Fotografia colhida na residência do jovem casal Francisco de Andrade Carneiro e Dilnor Osterne Carneiro – Açude Engenheiro Avidos (antigo Boqueirão de Piranhas) 1936.